

UMA NOVA PARTILHA? A ECONOMIA GEOPOLÍTICA DA MULTIPOLARIDADE NO SAHEL E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A SOBERANIA ECONÔMICA DA ÁFRICA

Al Chukwuma Okoli¹
Abdulkareem Alhassan²

Introdução

A África encontra-se numa conjuntura crítica de sua história política. Os destinos políticos da maioria dos seus Estados estão atualmente a ser negociados e ameaçados por forças internas ou externas. Internamente, tem-se assistido a ondas crescentes de terrorismo e extremismos associados em muitos países africanos (Gaye, 2018; Okoli, 2023). Também se tem assistido a um recrudescimento de golpes militares em partes do continente (Omotola, 2023). Externamente, a África tem sido o novo palco da geopolítica multipolar, essencializada por estratégias estatais oportunistas e disputas geoestratégicas entre as potências globais.

O Sahel representa o microcosmo das atuais provações políticas da África. Segundo o Índice Global de Terrorismo de 2023, o Sahel tornou-se o epicentro mundial do extremismo (IEP, 2023). A região também se tornou um foco global de mudanças violentas e inconstitucionais de regime, frequentemente evidenciadas pela ocorrência de golpes militares. Desde 2020, ocorreram nada menos que dez (10) golpes militares na região (Omotola, 2023). Atualmente, seis (6) países da região estão efetivamente sob regimes militares, a saber: Burkina Faso, Mali, Níger, Chade, Guiné e Sudão. O ressurgimento dos golpes militares na região rendeu-lhe a alcunha de “arco

1 Federal University of Lafia, Lafia, Nigeria. E-mail: okochu007@yahoo.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1685-3230>.

2 Federal University of Lafia, Lafia, Nigeria. E-mail: sabimory@yahoo.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6152-7728>.

dos golpes” da África (Omotola, 2023).

Além das ocorrências de terrorismo e mudanças violentas de regime, o Sahel também tem sido um polo continental de crime organizado e transações ilícitas transnacionais (Gaye, 2018). Há alta incidência de tráfico de armas, tráfico de drogas, tráfico humano, extrativismo ilegal, contrabando, banditismo e outras formas de crime organizado transnacional na região (Gaye, 2018; Okoli, 2024). Esses padrões criminosos não apenas tomaram forma por si só como, com o tempo, se fundiram e convergiram em uma mistura e conexão nebulosas. Isso é evidenciado nas dinâmicas de oportunismo entre crime e terrorismo em várias partes da região (Okoli & Nwangwu, 2023; Okoli, 2023).

Mais recentemente, o Sahel tornou-se também um teatro da geopolítica volátil multipolar (Pollichieni, 2024). Com o surgimento de novos atores, interesses e apostas geopolíticas, têm ocorrido mudanças e contramudanças nos alinhamentos diplomáticos e geoestratégicos da região. Essas mudanças de alianças e relações têm sido associadas a desdobramentos importantes, como o crescimento do populismo e ressentimento anti-França e antiocidente, o aumento do alinhamento diplomático pró-Rússia-China e o enfraquecimento dos organismos regionais (Okoli, 2024).

Mais recentemente, o Sahel tornou-se ainda mais palco de uma geopolítica volátil e multipolar (Pollichieni, 2024). Com o surgimento de novos atores geopolíticos, interesses e disputas, têm ocorrido muitas mudanças nos alinhamentos diplomáticos e geoestratégicos da região. Essas alianças e relações em constante transformação estão associadas a alguns desdobramentos críticos, como, por exemplo, o aumento do populismo e ressentimento anti-França e anti-Occidente, o crescente alinhamento diplomático pró-Rússia e pró-China, e a fragmentação dos organismos regionais (Okoli, 2024).

As novas juntas militares na região têm utilizado uma retórica populista e decolonial para obter legitimidade em meio aos esforços das potências ocidentais para deslegitimá-las. Mali, Níger e Burkina Faso se retiraram da Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental (ECOWAS), após a tentativa deste organismo de sancioná-los por violação do Protocolo sobre Democracia e Governança (ECOWAS Protocol on Democracy and Governance, Article 45, 2001). Esses países também abandonaram o G5 Sahel, formando por conta própria a Aliança dos Estados do Sahel (AES/ASS).

Os desdobramentos geopolíticos no Sahel e suas dinâmicas locais associadas têm implicações políticas e econômicas fundamentais tanto para os Estados-membros quanto para as autoridades (sub)regionais da região. Embora diversos estudos tenham abordado as dimensões políticas dessa problemática (Degterev, 2024; Okoli, 2024), as implicações econômicas

ainda foram pouco exploradas. Ainda mais importante, a interação dinâmica entre imperativos políticos, econômicos e geoestratégicos que sustentam essa situação — e como eles impactam a soberania dos Estados africanos — têm sido raramente investigadas. É à luz disso que este artigo propõe uma análise da economia política da geopolítica multipolar no Sahel, argumentando que esta possui implicações tanto positivas quanto negativas para a soberania econômica da África.

Panorama Conceitual: Geopolítica, economia geopolítica, multipolaridade, soberania econômica

Colin (2022) define geopolítica como a luta pelo controle de entidades geopolíticas dentro do espaço internacional e/ou global e o uso dessas entidades para vantagem política. Em outras palavras:

A geopolítica analisa os meios e o uso do poder dentro de esferas competitivas globais, com referência a como atores estatais e não estatais competem para controlar e explorar essas esferas em prol do avanço de seus interesses estratégicos competitivos (Okoli, 2024, p.121).

A geopolítica, portanto, explica as ações e omissões dos Estados — mas também de outros atores formais e informais — em relação à competição geoestratégica, disputas e controle (Okoli, 2024). Em essência, a geopolítica busca compreender como os atores mencionados perseguem seus interesses competitivos nos territórios geopolíticos globais.

A noção de economia geopolítica, de forma simples, refere-se à economia política do capitalismo na era da multipolaridade (Desai, 2015). No entanto, existem concepções mais aprofundadas, como a da Associação Mundial de Economia Política (WAPE):

Enraizada na tradição marxista clássica, crítica de muitas de suas versões contemporâneas, centrada na compreensão do capitalismo e de suas contradições, bem como do imperialismo e do anti-imperialismo, atribuindo aos Estados, juntamente com as classes sociais, o devido papel como atores centrais na conformação do mundo capitalista moderno, valendo-se da economia política clássica e de outras tradições críticas à economia neoclássica, a economia

geopolítica busca investigar as relações internacionais do mundo capitalista de maneira materialista histórica (WAPE, 2024, p.1).

Polaridade deriva da noção de “polo de poder”, que se refere a “um Estado ou uma aliança de Estados que detém um poder significativo para influenciar o comportamento de outros Estados no contexto da política internacional” (Okoli, 2024, p.119). Ashford e Cooper (2023) entendem polaridade como a distribuição de poder no sistema internacional e como essa distribuição muda ao longo do tempo. O sistema mundial atual é considerado multipolar, pois há uma considerável difusão da influência hegemônica entre um conjunto de potências globais grandes, médias e emergentes. Nenhuma dessas potências detém um domínio econômico, militar e político absoluto que lhe permita se impor como o hegemom global definitivo.

A soberania econômica abrange o direito de manter e preservar atividades econômicas intimamente ligadas à existência do Estado. Ela é determinada, principalmente, por diversos fatores, incluindo: 1) a interferência em uma política estatal fundamental preexistente; 2) a relação entre a parte envolvida na disputa e a política estatal; e 3) a presença ou ameaça de dano direto ao próprio Estado (Walker & Simon, 1985, p.8). Em outras palavras, a soberania econômica implica na “capacidade de um Estado impor regras de apropriação, troca e uso de recursos” (Savanovic, 2014, apud Okoli & Atelhe, 2021, p.233) dentro de sua área de jurisdição, sem imposições externas.

Premissa Teórica: Economia Política da Geopolítica e a ‘Nova Partilha’

A economia política está fundamentalmente preocupada em compreender as relações intrincadas entre a política e a economia (Ake, 1981; Okoli, 2001; Okoli, 2014; Okoli, 2017). Seu objeto de estudo gira em torno da “investigação sistemática sobre a natureza e as causas da riqueza das nações” (McLean & McMillan, 2003, p. 415). Em essência, a economia política examina os determinantes econômicos e as implicações das relações de poder nos contextos dos assuntos internos e internacionais.

A concepção de economia política adotada neste artigo está, em grande parte, alinhada com sua aplicação no plano internacional. Nesse sentido, a economia política oferece uma estrutura para a compreensão do conjunto de conexões que sustentam as relações entre Estado e economia no sistema internacional. Ela abrange todas as dimensões da política da economia internacional e, inversamente, da economia da política internacional (Oatley,

2019). Mais fundamentalmente, engloba os nexos multidimensionais que definem a dialética político-econômica das relações internacionais contemporâneas.

Neste artigo, defende-se uma economia política da geopolítica. O foco está em como poder, influência, interesses e recursos são disputados dentro de um espaço geoestratégico. Também destaca como as interações entre diversos atores geopolíticos nesse espaço podem competir, cooperar ou se confrontar na busca por seus interesses estratégicos. Isso inclui aspectos da política das relações econômicas internacionais, da economia da política externa e da diplomacia, além de outras dimensões das relações de produção e mercado que moldam a riqueza das nações. Em termos simples, a economia política da geopolítica nos permite compreender a interseção complexa entre geografia, política e economia, e como isso determina as dinâmicas de poder global, a distribuição de recursos e as relações econômicas internacionais.

A economia política da geopolítica no Sahel explica a *realpolitik* da ‘nova partilha’ na região. Por “nova partilha” entende-se o crescente envolvimento e a competição entre atores globais e regionais no Sahel. Essa disputa é caracterizada por uma competição e contestação geopolítica e geoestratégica, remanescente da “partilha da África” do século XIX pelas potências imperiais (Ake, 1981). A nova partilha é impulsionada por uma série de imperativos, conforme destacado na Tabela 1.

Tabela 1: Fatores da Nova Partilha no Sahel

Factor	Commentary
Economic interests	Competition over access to strategic natural resources: oil and gas, solid minerals, agro-forestial resources, maritime resources, etc.
Geostrategic interests	Location and protection of military bases, security and counter-terrorism concerns, protective military presence, etc.
Geopolitical interests	Maintenance of competitive influence and stakes
Commerce and development	Involvement in trade and investment as well as infrastructural development.

Fonte: compilação original dos autores (2024).

A nova partilha envolve conflitos e confluências de interesses geoestratégicos entre diversos atores estrangeiros e regionais atuantes na região. Esses atores incluem tanto os protagonistas historicamente dominantes quanto os emergentes, cujos interesses abrangem diferentes esferas como segurança, comércio, investimento, infraestrutura e estratégia

militar. A Tabela 2 ilustra a situação com mais detalhes. infrastructure, and military strategy. Table 2 is instructive in this respect.

Tabela 2: Atores Chave na Nova Partilha do Sahel

Actor	Commentary
France	Maintaining its historical geopolitical dominance amid rising anti-French populism
China	Seeking expansion in economic and infrastructural investments
USA	Pursuing security and counter-terrorism concerns
EU	Supporting governance in the areas of development, security, migration, and humanitarian concerns
ECOWAS	Seeking regional integration and stabilization
Turkey	Expanding economic and political influence through strategic partnerships in defence and economic diplomacy
Russia	Seeking greater economic and military presence and influence through military basing and undercover interventions
African Regional Powers (Nigeria, Egypt, South Africa)	Seeking to assert their stakes and influence through multilateral platforms such as the AU and ECOWAS.
Saudi Arabia	Increasing its influence through soft-power diplomacy

Fonte: Compilação original dos autores (2024).

Perspectivas sobre a Economia Geopolítica Multipolar do Sahel

A economia geopolítica multipolar no Sahel refere-se ao nexo entre interesses estrangeiros e dinâmicas locais no contexto da ordem geopolítica regional em processo de multipolarização, e a como essas forças afetam o funcionamento do Estado e da economia nos países membros (Okoli, 2024). Trata-se de interações complexas e multifacetadas entre potências globais, atores regionais e interesses locais (Abdulle, 2024). Mais importante ainda, destaca como as forças locais, regionais e globais interagem para gerar dinâmicas que afetam — e são afetadas por — interesses e disputas tanto de atores estatais quanto não estatais.

A economia geopolítica multipolar no Sahel se manifesta em diversas dimensões. Primeiramente, há uma crescente competição e contestação multipolar. À medida que potências globais como Estados Unidos, França, China e Rússia se envolvem em uma disputa estratégica por influência, interesses e recursos, a região experimenta um ambiente geopolítico tenso,

marcado por exigências da *realpolitik* (Abdulle, 2024). Uma tendência perigosa nesse cenário é o uso de proxies, mercenários e agentes clandestinos para promover os interesses geoestratégicos dessas potências (cf. Tabela 3). Um exemplo claro é o papel encoberto e desestabilizador do Grupo Wagner, alinhado à Rússia, em partes da região (Matusevich, 2019; Gruzd & Ramani, 2022).

Em segundo lugar, organismos regionais como a CEDEAO e o G5 Sahel têm buscado desempenhar papéis relevantes no destino geopolítico da região, enfrentando desafios decorrentes da atual dinâmica multipolar. A CEDEAO foi abalada pela saída de Mali, Burkina Faso e Níger, que deixaram o bloco em protesto contra as sanções aplicadas pela organização após mudanças de regime consideradas inconstitucionais, violando o Protocolo sobre Democracia e Governança (ECOWAS, 2021). Esses países não apenas se retiraram da CEDEAO, como também abandonaram o arranjo sub-regional de segurança coletiva conhecido como G5 Sahel. Atualmente, os três se constituíram em um novo bloco rival chamado Aliança dos Estados do Sahel (AES).

Em terceiro lugar, observa-se um crescente desejo dos Estados do Sahel de afirmar sua autonomia e promover uma descolonização frente ao Ocidente (Degterev, 2024). Isso se evidencia pelas ondas de ressentimento e populismo anti-França e anti-Ocidente que se espalham pela região. As juntas militares têm se apoiado nessa narrativa para mobilizar apoio popular e consolidar sua legitimidade, mesmo diante das pressões de potências continentais e extrarregionais para que retornem à ordem constitucional. A retórica decolonial parece ter ganhado força e popularidade impulsionada por campanhas de desinformação e propaganda patrocinadas por Rússia e China, com o objetivo de desacreditar a política eleitoral e os processos democráticos na região (Elbassoussy, 2023).

Em quarto lugar, tem havido um ressurgimento de governos militares no Sahel. Seis países da região — Mali, Chade, Burkina Faso, Níger, Guiné e Sudão — encontram-se atualmente sob regimes militares (Omotola, 2023). Houve também tentativas frustradas de golpe na região, como o exemplo da Gâmbia em 2022. Alguns desses golpes teriam sido instigados por potências globais engajadas em uma diplomacia oportunista, voltada para atender aos seus interesses próprios (Duursma & Masuhr, 2022).

Em quinto lugar, o Sahel tem sido o epicentro global do terrorismo e do extremismo violento associado (IEP, 2023). Diversos grupos terroristas — tanto locais quanto filiados a redes internacionais — operam na região, incluindo o Boko Haram e seus dissidentes, a Al-Qaeda e seus afiliados, o Estado Islâmico e outros (Okoli, 2023). Há também um aumento na incidência

de financiamento e franquias do terrorismo, o que por vezes envolve tanto atores estatais quanto não estatais (Okoli, 2023). O envolvimento de atores ou interesses estrangeiros na questão do terrorismo no Sahel representa uma dimensão crítica da atual e volátil dinâmica geopolítica da região.

Para além do terrorismo, há alta incidência de crime organizado e violência armada no Sahel (Gaye, 2018; Okoli & Nwangwu, 2023). As atividades de traficantes de drogas e armas, assaltantes, piratas, contrabandistas e outros elementos que se opõem ao Estado têm impactado negativamente a estabilidade e o desenvolvimento da região. Além disso, tais atividades criam condições que minam a funcionalidade do Estado e da economia, bem como reforçam e reproduzem o quadro de fragilidade estatal (Okoli & Nwangwu, 2023).

Sexto, a atual configuração geopolítica do Sahel tem sido marcada por uma mudança no padrão de alinhamentos externos entre os Estados membros. A tradicional postura pró-Occidente de muitos desses países vem sendo alterada e substituída por uma orientação pragmática que se inclina em direção ao antigo bloco oriental de aliados — especialmente China e Rússia (Okoli, 2024). Os regimes militares da região têm demonstrado uma inclinação mais evidente em fortalecer relações diplomáticas com esses países, aparentemente numa tentativa de se contrapor ao Occidente em razão de sua postura hostil.

Por fim, a economia geopolítica do Sahel se dá em um contexto em que atores distintos empregam estratégias desesperadas para alcançar objetivos igualmente desesperados. Entre esses atores estão entidades estrangeiras que não apenas buscam seus próprios interesses, mas também almejam vantagens estratégicas de soma zero em relação a outros. Combinadas às atividades de diversos grupos criminosos armados e violentos, o que se configura na região é um atoleiro de oportunismo geopolítico, no qual os interesses dos países membros são, em grande parte, comprometidos.

Tabela 3: diversos tipos de atores na atual geopolítica do Sahel

Category of Actor	Examples
State actors	• National government and militaries • Political regimes • Multilateral and minilateral bodies • Foreign diplomatic and military missions
Clandestine actors	• Terrorists • Insurgents • Terror franchises • Transnational organized crime syndicates
Businesses	• Industries/ firms • Investments
Foreign agents	• Proxies • Spies • Mercenaries
Civil society actors	• Charities • Non-governmental Organizations (NGOs) • Humanitarian workers

Fonte: Okoli (2024, p.121).

Soberania Econômica do Sahel em meio à Dinâmica Geopolítica Multipolar: Burkina Faso, Mali e Níger

A atual onda de influência multipolar na geopolítica da região do Sahel tem implicações econômicas de longo alcance sobre a dinâmica econômica da região — especialmente em Burkina Faso, Mali e Níger. A disputa para ganhar influência e controle sobre os recursos e a política desses países através de forças internas (Nigéria, África do Sul, CEDEAO) e de forças externas (França, Estados Unidos, China, Rússia e União Europeia) tem implicações sem precedentes para a economia desses países e da África como um todo (Góes & Bekkers, 2023). Essas dinâmicas afetam diversos indicadores econômicos da região do Sahel.

Em um contexto geopolítico multipolar, a soberania econômica de Burkina Faso é influenciada por várias potências globais e regionais. As potências globais exercem controle sobre setores críticos da economia e da política do Sahel. A França mantém influência significativa nos campos econômico, militar e cultural em razão de seus laços históricos coloniais. Enquanto isso, a China vem expandindo seus investimentos em

infraestrutura, mineração e agricultura, desafiando a dominância francesa. Além disso, os Estados Unidos mantêm uma forte presença militar focada no contraterrorismo, com alguns interesses econômicos na região. Da mesma forma, a União Europeia firma numerosos acordos comerciais com os países do Sahel e fornece ajuda ao desenvolvimento com o objetivo de promover a integração econômica, o que permite à Europa acesso irrestrito aos recursos e manipulação política desses países.

Além disso, as potências regionais africanas também participam da geopolítica do Sahel. A Nigéria é uma potência regional com significativa influência econômica, particularmente na África Ocidental, enquanto a África do Sul é uma potência econômica com interesses nos setores de mineração e infraestrutura nos países do Sahel, especialmente em Burkina Faso, Mali e Níger. O Marrocos é outro ator regional com interesses econômicos e de segurança, especialmente no Sahel. Gana e Argélia são vizinhos regionais e parceiros comerciais regionais dos países do Sahel, com laços econômicos e cooperação, respectivamente, nas áreas de agricultura e energia. Assim se configura a complexa geopolítica multipolar na região do Sahel.

A geopolítica multipolar no Sahel está associada à instabilidade política incessante, agitação civil, conflitos militares, ameaças terroristas, entre outras tensões, muitas vezes causadas por potências mundiais que disputam controle e influência na região (Caldara & Iacoviello, 2022; Góes & Bekkers, 2023). Isso tem efeitos sem precedentes nas economias dos países afetados, especialmente Burkina Faso, Mali e Níger. A influência se exerce por meio de instituições financeiras, mercados, relações comerciais e preços globais de commodities. Nos mercados financeiros, essa influência se manifesta por meio de controles de capital diretos e indiretos e sanções financeiras, que aumentam a incerteza, elevam os prêmios de risco e geram picos e flutuações nos preços de ativos (Gurvich & Prilepskiy, 2015).

Da mesma forma, os fluxos comerciais dos países do Sahel sofrem alterações devido ao aumento de restrições comerciais associadas às tensões que decorrem da interrupção da paz e da democracia, frequentemente exacerbadas pelas dinâmicas da geopolítica multipolar. A geopolítica multipolar também desorganiza as cadeias de suprimentos da região. As restrições comerciais criam escassez de oferta e obstruem o fluxo de recursos críticos como petróleo, gás e minerais — que são a base das economias dos países do Sahel. Por exemplo, Burkina Faso e Mali são economias dependentes do ouro, enquanto o Níger depende fortemente das exportações de urânio, o que os torna vulneráveis à volatilidade dos preços globais de commodities. Isso prejudica a produção industrial e a soberania econômica desses países. No entanto, a geopolítica multipolar também oferece oportunidades econômicas,

como a diversificação econômica, o estabelecimento de novas relações diplomáticas, maior integração econômica e acesso ampliado a mercados globais para os países do Sahel.

A análise expositiva apresentada neste artigo fornece uma visão sobre o nexo entre geopolítica, soberania econômica e progresso sustentável nos países do Sahel selecionados (Burkina Faso, Mali e Níger). As dinâmicas desse nexo entre riscos geopolíticos e soberania econômica são examinadas por meio de uma análise de correlação pareada. Os coeficientes de correlação são apresentados na Tabela 4. Os resultados mostram que os riscos geopolíticos globais, as tensões entre EUA e China, bem como as tensões geopolíticas unilaterais (específicas de cada país) e incertezas originadas de França, China, Rússia e EUA estão negativamente relacionadas ao crescimento econômico e positivamente associadas ao desemprego, à inflação e à fragilidade (ou falência) do Estado nos países do Sahel, em especial Burkina Faso, Mali e Níger. Isso implica que o aumento da geopolítica multipolar leva à redução do crescimento econômico, aumento de desemprego, alta da inflação e expõe as economias desses países a choques e incertezas políticas e econômicas globais, comprometendo, assim, sua soberania econômica. A influência das múltiplas potências globais sobre os países do Sahel se reforça mutuamente e prejudica suas economias ao gerar incertezas que resultam em inflação elevada, desemprego e baixo crescimento econômico (Góes & Bekkers, 2023; Catalán & Tsuruga, 2023).

Por outro lado, a geopolítica regional (representada pelo índice de risco geopolítico da África do Sul) está positivamente associada ao crescimento econômico e inversamente relacionada ao desemprego, à inflação e à fragilidade econômica do Estado. Isso sugere que a influência de potências regionais pode melhorar a soberania econômica da região do Sahel.

Comparando os índices de geopolítica e de soberania econômica entre as eras unipolar (2007) e multipolar (2023), revela-se que as ameaças e oportunidades da atual geopolítica multipolar são maiores do que as da era unipolar. Isso é apresentado na Tabela 5. Embora as ameaças geopolíticas se manifestem na forma de baixo desempenho econômico e dominação estrangeira, há também oportunidades como diversificação econômica, desenvolvimento de infraestrutura, relacionamentos diplomáticos novos e mais fortes e maior integração econômica para a região do Sahel (Flint, 2021). A título de exemplo, como resultado da geopolítica multipolar, Burkina Faso, Mali e Níger experimentaram aumento na diversificação econômica e comercial, e a margem extensiva de exportações (número de produtos na lista de exportação) aumentou ao longo dos anos (Tabela 5 e Figuras 1–4). Isso representa uma oportunidade para os países expandirem seu comércio e

promoverem o crescimento e desenvolvimento econômico sustentável.

Tabela 4: Relação entre os índices de soberania geopolítica e econômica – Coeficientes de correlação pareada

Variables	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)	(9)	(10)	(11)	(12)	(13)	(14)
(1) Economic growth	1.000													
(2) Unemployment	-0.054	1.000												
(3) Inflation	-0.109	0.077	1.000											
(4) Economic freedom index	-0.203	0.558	-0.036	1.000										
(5) US-China tensions	-0.110	0.140	0.028	0.445	1.000									
(6) Geopolitical risk	-0.143	0.118	0.121	0.283	0.535	1.000								
(7) Geopolitical risk from China	-0.185	0.168	0.002	0.351	0.877	0.544	1.000							
(8) Geopolitical risk from France	-0.090	0.060	0.018	0.156	0.197	0.747	0.185	1.000						
(9) Geopolitical risk from Russia	-0.034	0.157	0.302	0.303	0.649	0.676	0.547	0.362	1.000					
(10) Geopolitical risk from the US	-0.163	0.152	0.131	0.317	0.679	0.923	0.741	0.489	0.708	1.000				
(11) Geopolitical risk from South Africa	0.188	-0.033	-0.136	-0.112	-0.348	-0.127	-0.231	0.055	-0.111	-0.164	1.000			
(12) Fragile state index	0.084	0.083	0.032	0.132	0.330	0.226	0.168	0.234	0.292	0.181	-0.086	1.000		
(13) Fragile economy index	0.159	-0.218	0.002	-0.498	-0.753	-0.414	-0.621	-0.255	-0.599	-0.490	0.154	-0.041	1.000	
(14) Fragile economic inequality index	0.228	0.285	-0.091	0.236	-0.009	0.048	-0.107	0.090	0.034	-0.021	-0.010	-0.403	-0.185	1.000

Fonte: Cálculo dos autores. Nota: Os dados sobre crescimento econômico, inflação e desemprego são provenientes do Banco Mundial (World Development Indicators); o índice de liberdade econômica é obtido no banco de dados do Fraser Institute; os índices de riscos geopolíticos são obtidos no banco de dados do Federal Reserve Board; e os índices de fragilidade estatal são obtidos no conjunto de dados do The Fund for Peace.

Tabela 5: Índices de soberania geopolítica e econômica na era unipolar (era da França) e na era multipolar na região do Sahel

Geopolitical and economic sovereignty indices	Burkina Faso	Burkina Faso	Mali	Mali	Niger	Niger
	2007 (Unipolar -France era)	2023 (Multipolar era)	2007 (Multipolar era)	2023 (Unipolar -France era)	2007 (Unipolar -France era)	2023 (Multipolar era)
Economic growth	4.11	2.96	3.49	5.24	3.14	2.50
Unemployment (as % of labour force)	3.30	5.29	1.37	3.01	2.03	0.55
Inflation rate	-0.23	0.74	1.41	2.06	0.05	3.70
Economic freedom index	5.88	6.14	5.99	5.80	5.39	5.80
US-China tensions	77.61	147.42	77.61	147.42	77.61	147.42
Global Geopolitical risk	97.92	104.27	97.92	104.27	97.92	104.27
Geopolitical risk from France	0.27	0.56	0.27	0.56	0.27	0.56
Geopolitical risk from Russia	0.33	1.97	0.33	1.97	0.33	1.97
Geopolitical risk from the USA	2.37	2.41	2.37	2.41	2.37	2.41
Geopolitical risk from China	0.40	0.55	0.40	0.55	0.40	0.55
Fragile state index	89.70	94.00	91.20	93.40	75.50	99.50
Fragile economy index	8.20	7.00	9.20	6.60	8.70	7.70
Fragile economic inequality index	8.90	8.30	7.20	7.80	6.60	7.20
External intervention index	7.00	8.70	8.00	7.40	6.90	9.50
Trade diversification index	0.76	0.88	0.84	0.90	0.79	0.84
Number of products in export list	97.00	117.00	136.00	173.00	104.00	97.00

Fonte: Cálculo dos autores. Nota: Os dados sobre crescimento econômico, desemprego e inflação são provenientes do Banco Mundial (World Development Indicators); o índice de liberdade econômica é obtido no banco de dados do Fraser Institute; os índices de risco geopolítico são obtidos no banco de dados do Federal Reserve Board; e os índices de fragilidade do Estado são obtidos no

conjunto de dados do The Fund for Peace.

Figura 1: Índice de risco geopolítico

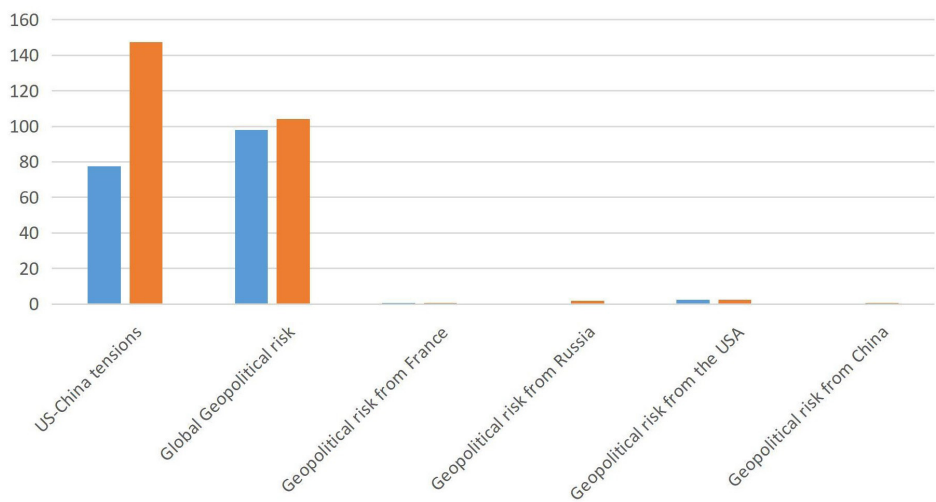


Figura 2: Burkina Faso - Índice de soberania econômica

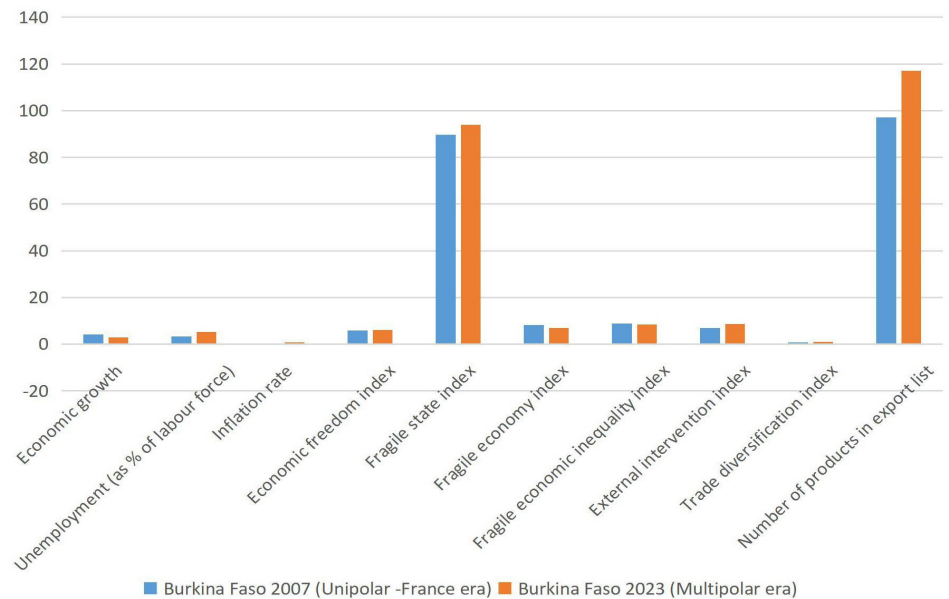


Figura 3: Mali - Índice de soberania econômica

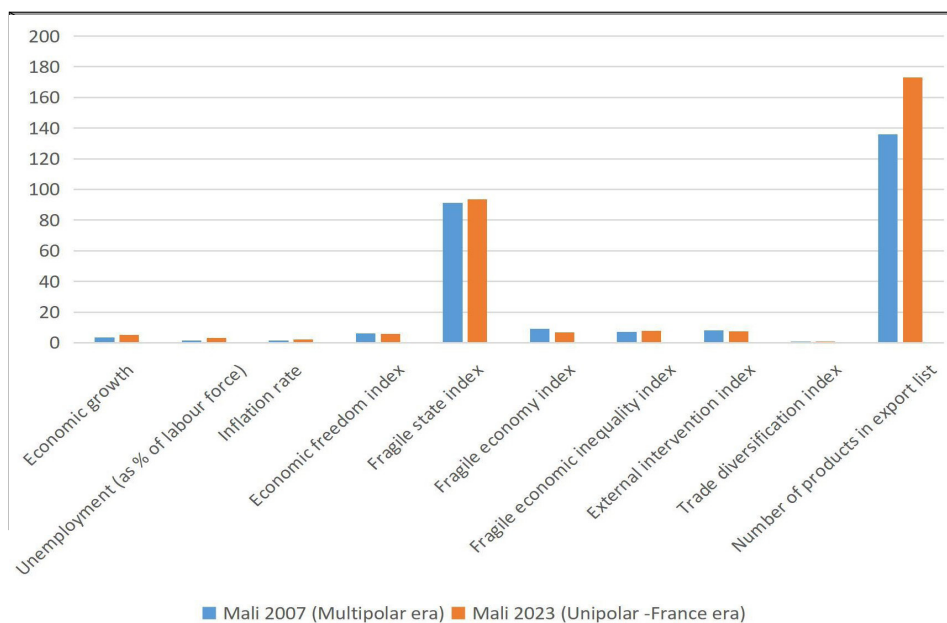
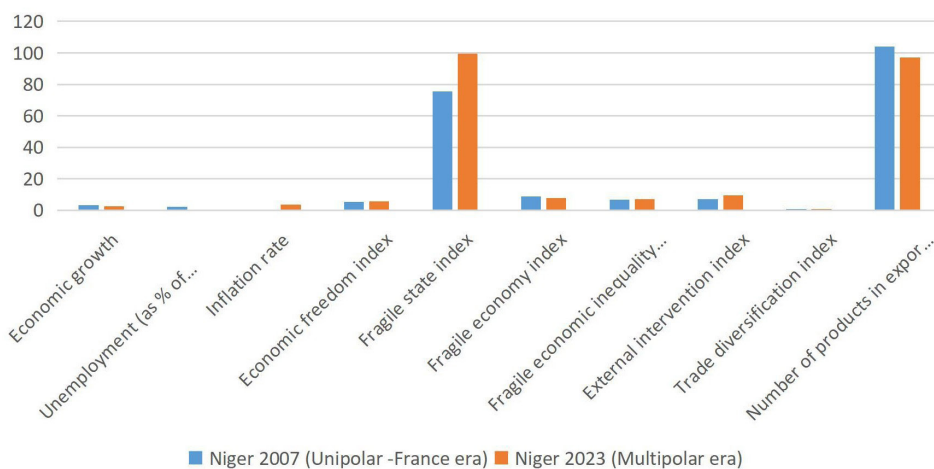


Figura 4: Níger - Índice de soberania econômica



Conclusão: implicações para a soberania econômica da África

A nova geopolítica multipolar na África oferece ao continente perspectivas de uma economia geopolítica baseada na competição justa e na diversificação. Dependendo de como o continente atuar dentro do contexto das dinâmicas em curso, pode ganhar ou perder. Para o Sahel, o surgimento de novas grandes potências globais, particularmente a Rússia e a China, apresenta aos estados membros novas oportunidades para acordos geoestratégicos mais favoráveis. Em outras palavras, isso traz a perspectiva de um espaço geopolítico mais competitivo, no qual os interesses dos estados africanos podem ser negociados de forma mais vantajosa. Como isso se aplica aos estados sahelianos?

Primeiro, ao oferecer aos estados sahelianos oportunidades de parcerias estratégicas diversificadas e mais competitivas, isso lhes dá o poder de engajar com múltiplas potências globais em novos termos, reduzindo assim a dependência excessiva de países de forma individual ou em blocos, como ocorria até então. O alinhamento político-econômico tradicional dos estados do Sahel com a França e seus aliados ocidentais está sendo radicalmente alterado pela atual configuração geopolítica na região.

Segundo, as mudanças geopolíticas na região estão aumentando o poder de barganha dos estados membros para negociar acordos mais justos e estrategicamente mais vantajosos com as potências globais. A competição entre os Estados Unidos e suas contrapartes orientais (Rússia e China) apresenta oportunidades que os estados da região podem explorar para maximizar suas vantagens estratégicas. Os estados sahelianos devem aproveitar tais oportunidades para fortalecer suas conquistas em termos de diplomacia econômica.

Terceiro, a ordem multipolar na região está abrindo novos mercados e oportunidades comerciais para os estados sahelianos. Isso é exemplificado pelo crescente comércio e investimentos da China e da Rússia nesse contexto (Hassen, 2023). Além de reduzir a dependência histórica dos estados sahelianos em relação ao Ocidente, esse desenvolvimento também oferece aos estados uma ampla oportunidade para negociar acordos de comércio e investimento viáveis.

Apesar das possibilidades supracitadas, a geopolítica multipolar no Sahel está igualmente associada a alguns desdobramentos negativos. Ela está alimentando ondas de rivalidade entre grandes potências, tornando a região um campo de batalha para disputas geopolíticas. O uso de proxies,

desinformação estratégica e outras táticas oportunistas pelas potências globais em disputa tem sido um fator fundamental para a instabilidade vigente na região.

Há também o risco de um novo padrão de exploração pós-colonial por parte das novas potências geopolíticas no Sahel. As tendências exploratórias da China, evidenciadas em sua política de extrativismo, geram uma preocupação relevante nesse sentido (Okoli, 2024). Além disso, há a preocupação com a dívida proveniente de múltiplas fontes e a dependência de ajuda externa. Com os novos atores no espaço geopolítico da região, a probabilidade de múltiplos endividamentos pelos estados membros é alta. Como consequência, esses estados podem ser pressionados a comprometer sua política, prioridades e autonomia para atender às exigências de sua dívida.

Para enfrentar os desafios impostos à África pela ordem geopolítica multipolar e garantir a proteção de sua soberania econômica, os estados sahelianos precisam tomar várias medidas:

- i. Desenvolver uma agenda econômica sub-regional mais forte e unificada para promover suas aspirações econômicas coletivas
- ii. Diversificar parcerias globais por meio do engajamento com mais atores e blocos globais
- iii. Negociar acordos justos e proteger suas virtudes econômicas soberanas de todas as ramificações da exploração neocolonial
- iv. Fortalecer sua autonomia e soberania por meio da diplomacia econômica e da construção do Estado nacionalista

Referências

- Abdulle, M. A. (2024). The Rise of the Multipolar World Order: Opportunities and Challenges for Africa. *Journal of International Relations and Policy* 5(1), 1–10.
- Ake, C. (1981). *A Political Economy of Africa*. London: Longman.
- Ashford E., Cooper E. (2023). Yes, the world is multipolar. *Foreign Policy*. 05.10.2023. <https://foreignpolicy.com/2023/10/05/usa-china-multipolar-bipolar-unipolar/> (accessed 03.06.2024)
- Caldara, D., & Iacoviello, M. (2022). Measuring geopolitical risk. *American Economic Review*, 112(4), 1194–1225.
- Catalán, M., & Tsuruga, T. (2023). Geopolitics and financial fragmentation: Implications for macro-financial stabilityI. *Goeconomic Fragmentation The Economic Risks from a Fractured World Economy*.

- Colin F. (2022). *Introduction to Geopolitics* (4th Edition). London: Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781003138549>
- Degtarev, A. D. (2024). Collective self-reliance: Restarting the concept in the Sahel in the context of a multipolarizing world order. *Journal of Institute of African Studies*, 2(62), 60-81.
- Duursma A., Masuhr N. (2022). Russia's return to Africa in a historical context: Anti-imperialism, patronage, and opportunism. *South African Journal of International Affairs*. 29(4), 407-423. <https://doi.org/10.1080/10220461.2022.2136236>
- ECOWAS (2001). *Protocol on Democracy and Governance*. Abuja: Economic Community of West African States.
- Elbassoussy A. (2021). The growing Russia's role in Sub-Saharan Africa: interests, opportunities and limitations. *Journal of Humanities and Applied Social Sciences*.4(3), 251-270. <https://doi.org/10.1108/JHASS-11-2020-0210>
- Flint, C. (2021). *Introduction to geopolitics*. Routledge.
- Gaye B. (2018). *Connections between Jihadist Groups and Smuggling and Illegal Trafficking Rings in the Sahel*. FES Peace and Security Series No. 29. Dakar: Friedrich-Ebert-Stiftung.
- Góes, C., & Bekkers, E. (2022). The impact of geopolitical conflicts on trade, growth, and innovation. *arXiv preprint arXiv:2203.12173*.
- Gruzd S., Ramani S. (2022). Russia in Africa: Who is courting whom. *South African Journal of International Affairs*. 29(4) 401-465. <https://doi.org/10.1080/10220461.2022.2146184>
- Gurvich, E., & Prilepskiy, I. (2015). The impact of financial sanctions on the Russian economy. *Russian journal of economics*, 1(4), 359-385
- Hassen D. Y. (2023). *China's soft power in Africa: A qualitative content analysis on China's strategic narrative projection in Ethiopia and South Africa*. Thesis, Department of Global Political Studies, Malmö University.
- Matusevich M. (2019). Russia in Africa: A Search for Continuity in a Post-Cold War Era. *Insight Turkey*. 21(1), 25-40. <https://doi.org/10.25253/99.2019211.03>
- McLean, I. & McMillan, A. [eds.] (2003) *Oxford Concise Dictionary of Politics*. London/Oxford: Oxford University Press.
- Oatley, T. (2019). *International Political Economy: Sixth Edition*. Routledge.
- Okoli A. C. (2023). Al Qaeda*: Scoping and countering jihadist nebula in West Africa. In: Kieh Jr. G. K.,

- Okoli A. C., Atelhe G. A. (2021). Africa and the ‘globalization bargain’: Towards a collective economic security. *Austral: Brazilian Journal of Strategy and International Relations*. Vol. 10. N. 19. Pp. 230–251. <https://doi.org/10.22456/2238-6912.113344>
- Okoli A. C., Ngwu C. (2019). Borderlines, Natural Resources and Conflicts: Towards a territorial materialism of boundary disputes in East Africa. *Central European Journal of International and Security Studies*. 13(2), 91–110. <https://doi.org/10.51870/CEJISS.A130203>
- Okoli, A. C. (2001). The political economy of intra-party opposition in Anambra State, 1999-2001. B.Sc. Project submitted to the Department of Political Science, Nnamdi Azikiwe University, Awka. Nigeria.
- Okoli, A. C. (2014). The State and the Global Economic Meltdown: Challenges and Options of Crisis Management in Nigeria (pp.376-386). In Biereenu-Nnabugwu, M. (ed.), *The State and the Global Economic Crisis*. Nigerian Political Science Association.
- Okoli, A. C. (2017). Globalisation and extractive economy: A study of Nigerian petroleum sector (589-608). In: U.A. Tar, M.E.U. Tedheke, and E. B. Mijah (eds), *Readings in globalization and development in Africa*. Kaduna: Nigerian Defence Academy Press.
- Omotola, J. S. (2023). The reincarnation of military coups in Africa. The 2023 Clause Ake Memorial Lecture, Uppsala, Sweden, Tuesday 28 November 2023,15:15- 17:00 (CET)
- Pollichieni, L. (2021). A crowded place with few solutions: Old and new players in the geopolitics of the Sahel. *Conflict & Resilience*, October.<https://www.accord.org.za/analysis/a-crowded-place-with-few-solutions-old-and-new-players-in-the-geopolitics-of-the-sahel/>
- Walker, S. W. & Simon, A. M. 1985. “Analysing claims of sovereignty in international economic disputes”. *Northwestern Journal of International Law and Business*, 7 (1),1-11.

RESUMO

Este estudo explora como o Sahel emergiu como um espaço de disputa de influência, interesses competitivos, recursos e mercados. O artigo propõe que a economia geopolítica do Sahel é caracterizada por uma nova disputa – uma disputa multipolar entre potências globais e regionais – por domínio e vantagem estratégica, com implicações de longo alcance para a soberania dos Estados-membros, bem como para a estabilidade e o desenvolvimento regionais. O artigo destaca as questões complexas que sustentam a evolução do cenário geopolítico no Sahel e o que elas representam para a agência africana e suas virtudes soberanas, especialmente nos âmbitos da economia e da geoestratégia.

PALAVRAS-CHAVE

Geopolítica, Potências Globais, Multipolaridade, Economia Política, Soberania, a Partilha

Recebido em 5 de setembro de 2024

Aprovado em 21 de maio de 2025

Traduzido por Cássio D. Monteiro D'Ávila